

25 ANOS DE CADERNOS DO CEAS

O CEAS entrevista Crisóstomo de Souza, Joviniano Neto e Cláudio Perani, que participaram da Equipe de Redação desde o início.

Como e por que surgiram os Cadernos do CEAS em 1969?

Crisóstomo - A revista surgiu no bojo da preocupação geral, própria da década de 60, com o subdesenvolvimento, a miséria e a opressão no chamado Terceiro Mundo, um quadro particularmente gritante no Nordeste brasileiro e sob um regime militar. Foi um fruto da preocupação e do engajamento da Igreja nessas questões. Os Cadernos começaram talvez mais doutrinários e teóricos, dando um salto com artigos mais breves e que captavam mais a cena popular, e outro ainda com o tratamento de questões políticas e conjunturais, com editoriais mais vivos. Foi um processo de politização muito positivo no geral, que se fez sentir de modo também muito positivo no movimento da Igreja e mais além. Outros poderiam ver aí um certo descaminho...

Joviniano - Foi em março de 1969, com textos mimeografados. Em outubro, o n. 4, com capa impressa, texto mimeografado, tamanho carta, reproduzia um artigo da revista *Aggiornamenti Sociali*, dos jesuítas de Milão. Em fevereiro de 1970, o n. 5 é o primeiro totalmente impresso e já nas dimensões e formato de hoje.

O tema foi "O problema da mão-de-obra operária industrial na Bahia" e inclui o artigo em que resumi pesquisa por mim coordenada. Os Cadernos surgiram como instrumento de reflexão, a partir da Igreja, sobre nova situação que mostrava a necessidade de: a) manter uma análise lúcida da realidade em época de dificuldade de acesso às informações, por causa da censura, do autoritarismo e da desarticulação de várias organizações e expectativas; b) interpretar mudanças que ocorriam, inclusive no modelo político-econômico brasileiro, em busca de compreender de como o capitalismo e a modernização avançavam no Brasil; c) reagir ao regime ditatorial. Os dois primeiros números reproduzem documentos da Igreja. O terceiro já fala em redemocratização. Os Cadernos comemoram 25 anos, pouco depois dos 25 anos do AI-5. Por terem surgido no período ditatorial, foram muito orientados pela luta contra o regime autoritário, utilizando a força das idéias. Ao mesmo tempo, o CEAS e os Cadernos continuavam uma reflexão a nível de Igreja que a crise e o fechamento da Ação Católica, em 1968, interromperam. O CEAS é, de certo modo, um fruto da Ação Católica. Eu era dirigente da Juventude Independente Católica, a JIC, dos profissionais liberais, e havia participado do esforço de criação de uma publicação chamada *Hoje no Mundo*. Chegamos a editar seis números. Cláudio havia sido assistente da Juventude Universitária Católica, a JUC, no Rio Grande do Sul.

Cláudio - Completo dizendo que havia, dentro da orientação geral dos jesuítas da América Latina que refletiam sobre a problemática social, o desejo de divulgar a doutrina social da Igreja, aplicando-a à situação do Nordeste. Isto mostra o nível bastante teórico e idealista da época, para não dizer alienado, no sentido de o grupo da Redação pensar ser possível influir na mudança da sociedade nordestina simplesmente através da aplicação de orientações gerais, patrimônio da Doutrina Social da Igreja. A orientação foi logo corrigida, porque o contato - saudável e indispensável - com a realidade concreta mostrou a complexidade da situação e a necessidade de aprimorar a

utilização de instrumentais teóricos de análise que pudessem levar a um maior conhecimento.

Na luta contra a ditadura, a revista se respaldou em documentos oficiais da hierarquia eclesiástica, que aos poucos foi abrindo os olhos sobre a nova realidade.

Os primeiros mimeografados do CEAS saíram com um documento da CNBB e denunciando o AI-5. A pequena publicação foi um sucesso, sendo reproduzida pelo SEDOC.

Quais as etapas mais importantes de sua evolução histórica?

Joviniano - Uma periodização poderia situar a primeira etapa entre 69 e 72. É um momento de compreensão, posicionamento e análise inicial. Os números são monográficos. O Censo de 70 permite, em 72, mostrar uma face pessimista do modelo e do milagre brasileiros. A ênfase é no Nordeste, na ótica da SUDENE. E o grande marco inicial é o número 10, dedicado ao tema "Igreja e Política", um texto maior no qual a revista alcançou o número de páginas que mantém até hoje.

A segunda etapa vai de 72 a 84. Predomina a análise crítica do modelo autoritário e o apoio à conscientização e organização para reconquistar a democracia. Denúncia das injustiças. Este tipo de imprensa era como uma voz dos que não tinham voz. Não foi à toa que a reprodução dos documentos *Ouvi os clamores de um povo* e *Marginalização de um povo* suscitou grande reação. Um marco foi o estudo sobre a Amazônia, que, além de servir de contraponto à euforia da Transamazônica, vai firmar o CEAS na área de estudos rurais e credenciá-lo para assessorar a criação da CPT Nacional. Documenta-se, nesta época, a conversão da Igreja aos pobres e à análise social, inclusive absorvendo conceitos e instrumentos de análise sociológica, também marxista. Causou um grande impacto político o texto de Dom Hélder: *O que faria Santo Tomás diante de Karl Marx?* Definem-se as três grandes linhas de atuação e reflexão do CEAS: 1) Crítica ao modelo político-econômico que se implantava no Brasil; 2) Aumento da consciência e organização populares, documentando a luta dos movimentos populares, abrindo espaços para os marginalizados e dando ênfase em experiências de educação popular; 3) Acompanhamento e reflexão sobre a ação da Igreja, com ênfase nas pastorais populares. Este longo período poderia ser subdividido em vários momentos. Por exemplo, a partir de 74, acompanhamos o fim do milagre brasileiro, a distensão e a longa transição mostrando o caráter autoritário e excludente do modelo e a sua condenação pela maioria do povo. Acompanha-se a crise do modelo econômico, refletindo a crise do petróleo e os esforços para prolongá-lo e reciclá-lo. De 79 a 84, no governo Figueiredo, acompanha-se o crescimento das pressões e expectativas de mudança.

A terceira etapa, aberta por uma definição de paradigmas, vem de 85 a 93. É uma fase de acompanhamento e relativização dos eventos da conjuntura, de desconfiança nas políticas econômicas. Ênfase na importância de compreender e desmascarar os esquemas reciclados de dominação e cooptação. É quando, por exemplo, começam a aparecer os textos sobre mídia e comunicação. Momento de acompanhar os eventos, procurando mostrar o que continua importante, mesmo fora de moda, como a idéia de Reforma Agrária. Finalmente, é um momento de entender, sem perder o referencial, as

mudanças que ocorrem no mundo e no Brasil. Esta fase está se encerrando, também sintomaticamente, com a discussão e redefinição dos paradigmas e dos modos de atuação do CEAS. Discute-se a crise do Leste Europeu, a mudança na América Latina, o crescimento das seitas. Procura-se matizar e ampliar os enfoques político-econômicos com a inclusão de temas culturais, sobre gênero, meio ambiente, etc.

Cláudio - A primeira etapa, da análise inicial, já continha germinalmente as intuições fundamentais da revista. A necessidade de denunciar o regime autoritário e o modelo capitalista, a importância da presença popular através de suas experiências concretas e a importância de um instrumental de análise muito influenciado pelo marxismo. Lembro que o n. 7 tinha como tema: *Marx, Cristianismo, luta de classes*, trazendo o texto de um autor alemão, mas já com uma interpretação a partir do contexto latino-americano.

Ali publicações, contudo, se revelaram demasiadamente teóricas, dispersas e vagas. Daí a passagem para a segunda etapa, procurando aprimorar uma análise mais crítica. O caminho seguido foi duplo. De um lado, procuramos aprimorar o nível científico da análise, sendo que tivemos a colaboração de alguns cientistas sociais, entre os quais o Prof. István Jancsó. Do outro lado, valorizando mais o pensar e o fazer do povo, ajudados nisso pelas experiências das outras Equipes do CEAS, desenvolvendo um trabalho de assessoria popular.

Gostaria de lembrar o n. 47, fundamental neste sentido, com o artigo "A vida é uma luta", no qual se apresentava não somente a situação de exploração em que se encontrava o povo, mas também sua vitalidade, suas iniciativas, suas organizações. Esse texto foi muito utilizado por vários movimentos populares.

Quanto à terceira etapa, discordo em parte de Joviniano, em relação ao fechamento. A mim, parece que estamos ainda no início da procura de novos paradigmas. Na dispersão atual, a caminhada será longa.

A Doutrina Social da Igreja e a Teologia da Libertação tiveram influência na orientação do CEAS?

Crisóstomo - Seguramente. Era muito forte a presença dos documentos do Vaticano II e de Medellín e de gente como Hugo Assman, Cláudio Perani... Era o tempo da assimilação - digamos, "idealista" - do marxismo pelos setores engajados da Igreja em toda a América Latina.

Cláudio - Alguns membros da revista sempre se inspiraram nos textos da Doutrina Social da Igreja. Na prática, os textos mais contundentes e publicados pela própria revista, porque mais concretos, foram documentos da CNBB ou de grupos particulares de bispos, como no caso do Caderno n. 27, com o título *Uma Igreja a Caminho do Povo*, citado por Joviniano. É interessante lembrar que essa edição foi seqüestrada no correio, pela Polícia Federal. No início, a revista se inspirava mais na assim chamada *Teologia do Desenvolvimento* ou *Teologia das Realidades Terrestres*, de inspiração mais européia. Logo depois, já nos números 9 e 10, de 1970, a Teologia da Libertação aparece como inspiradora da nossa reflexão teológica. No n. 24, sai um artigo sobre esse tema. Diria, contudo, que a revista nunca deu grande espaço para uma reflexão teológica mais explícita. Preferiu uma análise sócio-política e uma reflexão pastoral na qual era

mais fácil encontrar convergências e rumos de ação social. Tendo que trabalhar nisto que o Cardeal Dom Avelar considerava "de fronteira", preferimos uma discrição teológica, não somente pelo motivo acima indicado - a necessidade de uma convergência prática, mas sobretudo porque estávamos convencidos de que não era a verbosidade da reflexão teológica que podia prioritariamente servir à causa da libertação, mas um compromisso concreto com os setores marginalizados.

Joviniano - A ênfase do CEAS sempre foi a análise de casos concretos e a assessoria aos movimentos populares. A reflexão principal se concentra fundamentalmente no nível pastoral de aplicação da doutrina ou dos princípios, mais do que na elaboração teórica mais abstrata. A situação no Brasil é tão dramática, tão anti-evangélica, que se pode conseguir amplo apoio para denúncias, análises e ações sem referências explícitas a pressupostos teóricos. A evolução da DSI e as opções da Teologia da Libertação vão contribuindo na emersão de uma série de elementos que se integram num projeto compartilhado por vários setores progressistas democráticos. Um momento de grande significação a nível nacional e da Igreja foi o documento dos bispos chamado Por uma nova ordem constitucional, no qual se delineiam os traços de uma proposta, de uma ideologia global para o Brasil.

Nascidos a partir de uma iniciativa de católicos preocupados com o tema da justiça social, os Cadernos contaram também com a ajuda, a participação e a colaboração de outros segmentos e correntes de pensamento não propriamente vinculados à questão religiosa. O que representou isto para o CEAS? Que elementos de convergência foram trabalhados e que conflitos daí resultaram?

Crisóstomo - A participação dos chamados "leigos" (de modo geral, não religiosos) contribuiu essencialmente em dois aspectos. Primeiro, o aporte das ciências sociais: conceitos teóricos e dados socio-econômicos. Segundo (junto com o que poderíamos chamar de "um certo manejo do instrumental marxista"), a politização da visão essencialmente ético-humanista dos religiosos. Em outras palavras e com boa vontade: a preocupação com as exigências reais da ação política, com um certo tipo de eficácia. Dando um salto e procurando ser equânime, pode-se talvez dizer: purismo e basismo versus dirigismo e centralismo. É claro que isso significou também, para os religiosos, um envolvimento (sempre conflitivo, mas instrutivo) com as pendências e brigas da esquerda, um universo onde a "teoria" era mais sagrada do que na Academia de Platão.

E a recíproca? Bem, quando os não-religiosos não eram tão orgulhosamente "tapados" para ver nos seus parceiros crentes apenas um atraso idealista ou mesmo apenas o interesse da corporação eclesiástica, a experiência ensinou algo sobre a heterogeneidade das motivações e dos critérios que apontavam para o ideal social. A mim, isso fazia pensar e ajudava a ver. Compreender o ponto de vista e as motivações do Outro talvez seja o (meu) negócio filosófico prático. De um modo mais geral, creio que a perspectiva e a linguagem da revista acabaram também por "contaminar", de modo essencialmente positivo, setores de esquerda e de oposição. Creio que a revista foi, durante todo esse tempo (e continuará sendo, espero), urna grande experiência de sincretismo baiano, um corredor, um canal de comunicação e diálogo entre setores de inspirações diversas que têm importância na formação de urna cultura política no Brasil.

Cláudio - Creio que a contribuição dos intelectuais ligados ao pensamento marxista ou a correntes socio-políticas diferentes, como o nacionalismo, foi sempre fundamental. Deram ao CEAS uma maior abertura e aceitação, particularmente no mundo das esquerdas. A convergência ou esforço para chegar a uma convergência sempre se deu pela preocupação de todos com a necessária mudança do nosso modelo econômico-político e com os caminhos concretos para uma libertação mais radical. Editoriais, análises de conjuntura, vários artigos... sempre foram redigidos e avaliados a partir de uma discussão comum, onde se confrontavam e integravam diferentes competências (teologia, filosofia, economia, sociologia, psicologia, etc), como também diferentes ideologias. Isso forçava no sentido de uma maior aproximação da realidade e para uma linguagem mais compreensível, superando o hermetismo de cada disciplina científica. Em particular, a presença de membros não vinculados a um pensamento religioso ajudou os católicos a saírem do que eu chamaria de ideologia pastoral.

Evidentemente, não faltaram os conflitos. Internamente, sempre houve tensão entre alguns que queriam explicitar mais a inspiração cristã e a Doutrina Social da Igreja e outros que, sem renegar isto, valorizavam mais os caminhos concretos, considerando também que outras publicações haviam se especializado em veicular um pensamento mais próprio da Igreja. Penso que este foi o conflito mais intenso, mas localizado entre os membros católicos ou entre os jesuítas.

Externamente, foram questionadas as posições marxistas ou assim chamadas ou consideradas, seja pelo Cardeal Dom Avelar, seja por um jornal ligado ao governador da época, Antônio Carlos Magalhães. Evidentemente, a partir de perspectivas bem diferentes e com estilos diametralmente opostos. Também algumas posições pastorais, como, no caso, de um Editorial sobre a primeira visita do Papa ao Brasil, questionado pelo próprio Dom Avelar. Eu diria que os conflitos internos ao conjunto dos membros da própria Equipe de Redação não foram ocasionados tanto pelas divergências ideológicas ou de princípios inspiradores, mas por orientações políticas mais concretas. Sempre tentamos equacionar tais tensões mediante o aprofundamento das problemáticas.

Gostaria de lembrar, também, contribuições de muitos autores, já afirmados no cenário nacional, como José de Souza Martins, Herbert de Souza, Inaiá de Carvalho e outros, menos conhecidos, que encontravam na revista um veículo de divulgação de suas idéias.

Joviniano - O eixo que reuniu pessoas de várias correntes no CEAS não foi o religioso. Como está nos créditos da revista, o objetivo é a denúncia das injustiças, o apoio à consciência e à conscientização popular e a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Os Cadernos são um ponto de encontro em torno de análises e assessorias. Os anos foram definindo um perfil em que as ênfases e até os pontos de partida teórico-metodológicos podem ser diferentes. Mas os resultados mostram semelhanças. Não foi difícil concluir um quadro de paradigmas em 85. Em 93, o novo quadro já é majoritariamente consensual. Mesmo as divergências não implicam, geralmente, negar a importância de elementos trazidos pelo outro, mas da dimensão, do peso a ele atribuído. Isto dentro do que considerariamos o paradigma geral da formação esquerdista-democrática no Brasil.

Aliás, uma das características da cultura e da identidade brasileiras é a valorização do amálgama, da capacidade de somar e misturar. Há momentos de maior debate, quando se aproximam do limite dos paradigmas. Um ponto polêmico, por exemplo, é a maneira como se coloca, no CEAS, o nacionalismo, ou seja, a afirmação da identidade nacional. Geralmente, as dificuldades não se concentram no elemento religioso, mesmo porque ninguém se propõe atacar, na revista, dogmas e autoridades eclesiásticas. Situam-se no conteúdo e limites dos modelos explicativos da esquerda brasileira. A discussão, agora, é maior por três motivos: a) Estamos assistindo à crise dos paradigmas, dos grandes modelos globais, dos caminhos únicos de explicação e salvação do mundo; b) A quebra da dicotomia Estado autoritário x Sociedade Civil reivindicante levou a várias relações possíveis. Por exemplo, em municípios e estados, movimentos populares chegam a ter acesso ao Executivo e Legislativo. A tensão entre aproveitamento de oportunidades e oportunismo tem levado, por exemplo, ao questionamento da sacralização do povo; c) O próprio crescimento da crise e da miséria está pedindo novas respostas e propondo mudanças nas concepções de analistas e assessores. O eixo da pluralidade hoje, no CEAS, está em ser mais ou menos propositivo, em ser mais ou menos fiel aos modelos e esquemas de análise centrados na economia e na divisão de classes. A contribuição do pluralismo foi forçar a aprofundar argumentações, incorporando à análise fatos verdadeiros e menos percebidos e valorizados nos esquemas originais.

Quais as principais contribuições nos momentos chave do enfrentamento do autoritarismo militar?

Crisóstomo - Os Cadernos levavam dados, denúncias, informações, notícias e uma maneira alternativa de entender a realidade nacional. Isso quando o regime militar censurava toda a imprensa (com a sacrificada resistência de jornais alternativos como o *Movimento*). Mais importante ainda: os Cadernos e seu suplemento popular, o *De Olho*, levavam informação a setores populares, grupos de base e pessoas que trabalhavam com eles. Na conjuntura pós AI-5, a revista contribuiu para frustrar a censura e representou uma resistência viva contra o endurecimento político.

Joviniano - Na época da ditadura, vazou um documento do SNI acusando o CEAS de ser o principal centro alimentador do "clericalismo esquerdista". Com a cobertura da Igreja, dos jesuítas, do Cardeal, se revelavam fatos e documentos que não podiam ser veiculados em outros meios, já censurados. O CEAS foi uma fonte alternativa de informações e análises, um instrumento de crescimento da consciência e organização populares.

Cláudio - A revista sempre foi uma voz de denúncia do autoritarismo, contra as prisões, as torturas, a violência no campo, a violência contra a Igreja, etc. Por essas razões, sofreu a censura da Polícia Federal, várias admoestações e o seqüestro do n. 27.

Como você configura a relação da revista com as lutas populares?

Crisóstomo - Embora o CEAS tenha estado mais articulado aos ligados à Igreja, os Cadernos foram, provavelmente, a publicação nacional crítica de oposição que mais conseguiu chegar, através dos agentes médios, aos setores populares de base mais ou menos mobilizados, principalmente fora de certos movimentos maiores, mais visíveis ou mais "avançados". O suplemento *De Olho* representou um esforço notável nessa

linha, bem como os artigos que conseguiam captar, de forma mais descritiva, a cena da labuta popular cotidiana. Neste âmbito, a contribuição do CEAS foi particularmente importante.

Logo de saída, a revista matizou seu ideal socialista abraçando as reivindicações dos pequenos agricultores por um pedaço de terra. Pendeu inicialmente mais para a tese do voto nulo. Em seguida, voltou-se para a participação eleitoral e uma certa atenção à vida partidária institucional, eleitoral. Abraçou também, embora com certa relutância, as chamadas reivindicações democráticas dos setores médios. Do mesmo modo, acabou por aceitar criticamente a via sindical, dentro da estrutura oficial.

Talvez se possa dizer que o setor mais eclesial tendia espontaneamente a aproximar (para não dizer reduzir) a luta político-social aos limites do marco da ação eclesial de vanguarda: pastoral, educação/conscientização, comunidades de base. Por outro lado, menos pedagógica ou sutil, a esquerda "empurrava" suas bandeiras político-sociais, supostamente mais abrangentes e politizantes. No fim das contas, dava-se um equilíbrio bastante razoável, que credito especialmente a alguns representantes da melhor dialética jesuítica - afinal, os patrocinadores desta experiência.

Joviniano - São duas as contribuições básicas. Uma é a documentação da luta dos movimentos sociais. Os Cadernos eram e ainda são uma revista fundamental para documentar e acompanhar a luta dos movimentos sociais, especialmente no campo, onde a cobertura é menor por órgãos semelhantes. O CEAS traz aos movimentos sociais e aos intelectuais um retrato não acadêmico e comprometido. Além disso, a revista é um instrumento de socialização de informações, de realimentação de assessores, agentes e lideranças que atuam nos movimentos sociais. Não sendo geralmente lida pelas bases dos movimentos sociais, grande parte do público do CEAS sempre foi de agentes de pastoral, assessores, lideranças intermediárias, religiosos em ação social.

Cláudio - Todos os membros da Redação, mais na base ou mais nas articulações, acompanham de alguma forma os movimentos sociais. A revista, desde o início, afirmou que o povo marginalizado deve ser o autor de seu desenvolvimento. Podemos dizer que os Cadernos sempre apostaram no povo, às vezes com maior clareza, outras vezes com certas ambigüidades. Tentamos analisar a conjuntura, pondo à luz os atores populares; apresentamos experiências populares concretas, procuramos tomar partido do lado do povo e favorecer as lideranças dos movimentos sociais. Atualmente, tentamos administrar a tensão entre os que mais defendem a necessidade de articulações e aqueles que mais apostam numa maior presença entre os excluídos. Na medida em que prevalece essa segunda orientação, aumenta o desafio para a revista; em particular, torna-se muito difícil apresentar caminhos e alternativas.

Perpassando um dos momentos mais importantes da luta política no país (1967-93), os Cadernos tiveram oportunidade de se posicionar sobre as diversas alternativas para a sociedade. Houve um único posicionamento ao longo de todo esse período ou se observaram mudanças em função de correlações de forças internas?

Joviniano - Houve mudanças em função das forças internas e, especialmente, da reação às mudanças da realidade externa. A ênfase dos Cadernos está mais na análise crítica

que na proposição, mais na sugestão de metodologia para o trabalho popular que na indicação de linhas de trabalho. Podemos concluir, contudo, da análise dos próprios textos, por uma linha ideológica bem definida que inclui, por exemplo: a) A crítica ao imperialismo e ao capitalismo, especialmente norte-americano, a partir do Brasil e da América Latina; b) A crítica ao modelo econômico brasileiro, com ênfase nas suas características de concentração e exclusão; c) A proposta de democratização do Estado e fortalecimento da sociedade civil, com ênfase no apoio aos movimentos sociais e acentuada preocupação com as relações desses movimentos (inclusive, hoje, as chamadas ONGs) com o Estado, pelo qual podem ser cooptados, ou cair no risco de substituí-lo. Atualmente, cresce a preocupação com o poder local; d) Pluralismo cultural, respeitando as várias tendências, mas enfrentando a manipulação da mídia, valorizando as experiências e os discursos dos vários segmentos populares, enfatizando mecanismos de educação e conscientização popular e comunitária; e) Socialmente, a crítica à desigualdade e à marginalização da maioria do povo - os diversos segmentos da população de baixa renda, apresentados nas suas várias faces: favelados, negros, mulheres, índios, pescadores, lavradores, lavadeiras. O que leva a críticas e alternativas mais ou menos explícitas em habitação, saúde e educação.

Cláudio - Nesta linha apresentada por Joviniano, houve, de fato, continuidade mais ou menos coerente na revista. Pessoalmente, sublinharia o compromisso com os movimentos populares e com as transformações das relações sociais. Não é uma linha programática nem atrelada a propostas político-partidárias. Contudo, representa uma alternativa. Antes e depois da abertura, houve influências de tendências partidárias. O que é sempre inevitável. O CEAS, várias vezes, foi considerado - com ou sem razão - mais ligado ao PCdoB ou ao PT, ou de tendência nacionalista. Também esteve presente - particularmente no início, quando se aprimoravam os paradigmas de análise - o desejo de assumir uma linha mais político-partidária. O conjunto da Equipe sempre preferiu optar pelo pluralismo partidário. É claro que, tendo havido entre os membros pessoas ligadas a diversos partidos - PCdoB, PCB e, mais recentemente, PDT e PT -, sua influência ocasionou e ocasiona uma determinada conotação.

Em certo momento de sua trajetória, a revista chegou a ser vista como acentuando predominantemente o rural?

Joviniano - Os Cadernos foram vistos e valorizados a partir da marca rural. Há várias explicações. Primeiro, o grande impacto inicial da matéria sobre a Amazônia, que credenciou o CEAS a assessorar a criação da CPT. A partir deste fato e do acompanhamento e proximidade com a CPT, a revista passou a ser vista pelos que no meio rural como um canal de divulgação. Há uma grande quantidade de textos referentes à questão agrária, trabalhadores rurais e ações e políticas desenvolvidas no campo publicada nos Cadernos. Levantamento dos n. 100 ao 148 revela mais de 60 artigos sobre o campo. Ainda: o peso que têm, entre os leitores, aqueles que atuam no estudo e ação na área rural. Sobretudo na utilização da revista. Pode ser menor em quantidade do que o de outras categorias (por exemplo, professores e estudantes universitários), mas utilizam. Isto reflete, também, a prioridade dada à ação da Igreja no meio rural desde 1962. Outro aspecto é que, como estamos no Nordeste, atraímos imagens e temas rurais. Não deixa de ser significativo que, nas ilustrações das capas dos Cadernos, predomina o tom, a imagem associada ao rural.

Cláudio - Gostaria de salientar que a revista nasceu em Salvador e sempre se preocupou em dar prioridade ao Nordeste e ao Norte do Brasil. São regiões onde, ainda hoje, a problemática do campo é fundamental. Contudo, gostaria também de lembrar que os Cadernos sempre trataram da problemática urbana, sobretudo da problemática da moradia e, menos, do trabalho operário.

Como os Cadernos pensaram e trabalharam a questão do público leitor? Que público priorizar e atrair? Com que linguagem? Que público leitor foi realmente captado?

Cláudio – Público e linguagem sempre foram assunto de nossa consideração. Nunca conseguimos equacioná-los perfeitamente. Um índice da aceitação da revista é sua tiragem e os assinantes. A tiragem chegou a 3.500 exemplares, diminuindo para 3.000. Voltou a 3.500, em 94. Os assinantes também oscilaram entre 1.800 e 2.500. Fechamos 93 com 2.200.

Joviniano - É uma revista por assinatura, de público relativamente fiel, que lhe garante continuidade. A primeira pesquisa sobre nosso público distinguiu quatro grandes segmentos: religiosos e agentes de pastoral; estudantes universitários; intelectuais e professores; instituições educacionais e sindicais... e lideranças políticas. Uma pesquisa mais recente e menos abrangente juntou estudantes e intelectuais numa mesma categoria.

A linguagem sempre foi uma grande preocupação. Uma revista de análise e aplicação não teórico-erudita, séria e objetiva nas análises, mas facilmente entendida por lideranças intermediárias, agentes e assessores.

O público conquistado é o que refaz a assinatura. Muitos são nossos assinantes há anos. Citam e utilizam os textos, inclusive em sala de aula. Encaminham documentos, relatórios, jornais, textos analíticos. O acervo da Biblioteca do CEAS foi reunido, em boa parte, a partir dessas contribuições. O público a atingir é esse, o de agentes de mudanças, assessores, pessoas capazes e comprometidas com o crescimento da consciência e da organização popular. Para manter e ampliar o público, deve-se assegurar as características da revista e incorporar criticamente novas preocupações e variáveis. Acompanhando as novas viagens e levando a novas viagens.